

IMPLICAÇÕES NO MANEJO DE PACIENTES ONCOPEDIÁTRICOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Seffrin Soares (**autora principal**)
brunaseffrinsoares@hotmail.com

Giovanna Gadelha Pereira
gi.pgadelha@gmail.com

Kaile Lorena Kitani
kailelorena@hotmail.com

Elaine Rossi Ribeiro
elaine.rossi@fpp.edu.br

Introdução: Desde o surgimento dos primeiros casos de COVID-19, em dezembro de 2019 na China, o vírus SARS-CoV-2, de alta transmissibilidade, desencadeou uma pandemia, de maneira rápida e inesperada. Diante disso, houve sobrecarga dos sistemas de saúde, impactando diretamente no manejo de pacientes oncopediátricos, refletindo na sua saúde e segurança, assim como na de seus familiares e profissionais atuantes. **Objetivo:** Identificar como a pandemia pelo vírus SARS-CoV-2 implicou no manejo da oncopediatria e quais os desafios enfrentados pela especialidade. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa que utilizou os descritores aliados aos operadores booleanos resultando em “oncologia” OR “câncer” AND “criança” AND “pandemia”. Esses foram aplicados nas bases eletrônicas BVS, Pubmed e Google Acadêmico, encontrando 38, 49 e 128 artigos respectivamente. Foram filtrados de acordo com os critérios de inclusão, sendo artigos gratuitos, em inglês ou espanhol e publicados em 2020. Assim, depois de análises na íntegra, 8 artigos foram escolhidos para compor a discussão. **Resultados:** As informações obtidas foram divididas em 5 categorias: triagem, equipe multiprofissional, consultas presenciais, diagnóstico e tratamento e situação psicossocial. Na triagem, foi observada uma diminuição na admissão dos pacientes, ocasionada pela menor procura do atendimento (por receio de familiares e restrições de viagem), pela implementação de protocolos mais restritivos e pelo uso da telemedicina para agendamento de consultas. Além disso, para evitar infecções cruzadas, houve divisão de alas e de equipes em quase todos os centros oncológicos, não sendo observado apenas em locais que não possuíam recursos suficientes. Na etapa inicial da admissão, seria necessária também, a testagem para o Sars-CoV-2, a fim de isolar pacientes com suspeita ou confirmados. Porém, nem todos os locais possuíam testes adequados ou triagem em grande escala. Acerca da equipe multiprofissional, foi apresentado que a mesma deveria atuar em menor número, para diminuir o fluxo de pessoas. Quanto às recomendações sobre o uso dos equipamentos de proteção individual (EPIs), esses deveriam ser indispensáveis, com uso e desparamentação correta. As orientações de higiene também foram reforçadas, tanto para profissionais quanto para enfermos e familiares. Contudo, houve relato de dificuldade de obtenção de EPIs e suprimentos de prevenção e controle de infecções. Nas consultas presenciais, a recomendação seria de que as eletivas, de

acompanhamento e de pacientes estáveis fossem realizadas por meio da telemedicina, mas alguns locais não apresentaram acesso à tecnologia necessária para a implementação. Em relação ao manejo dos tratamentos contra neoplasias em pacientes pediátricos, a decisão de manter ou suspender sessões de quimioterapia, radioterapia, cirurgias invasivas e transplantes de células-tronco hematopoiéticas foram discutidas individualmente pelas equipes multiprofissionais, de maneira integral em todos os estudos analisados. Devido ao remanejamento de recursos e de profissionais de saúde durante a pandemia, houve a necessidade de se otimizar o tratamento neoplásico, principalmente pela situação imunológica dos pacientes oncopediatricos. Sendo assim, protocolos foram alterados a fim de diminuir o risco de exposição ao vírus SARS-CoV-2: doses das quimioterapias de baixa intensidade padronizadas; sessões de radioterapia priorizadas a pacientes com tumores malignos; e procedimentos cirúrgicos invasivos adiados indeterminadamente. No entanto, ainda assim, relataram-se escassez de medicamentos e hemoderivados, falta de vagas em UTI, e precariedade em serviços de diagnóstico e tratamento oncológicos, os quais predispõem à apresentações tardias de cânceres infantis. Por fim, quanto à esfera psicossocial, surgiu a necessidade de direcionar mais cuidados à saúde mental dos pacientes oncopediátricos, dos seus familiares e dos profissionais de saúde. Com isso, os cuidados paliativos integraram-se aos tratamentos antineoplásicos, priorizando o cuidado do paciente além da esfera física, mas também mental. Por outro lado, enquanto alguns estudos apontavam as ONGs como fornecedores de medicamentos e outros auxílios, como o transporte de pacientes; outros relataram limitações destas instituições não governamentais, como falta de financiamento aos tratamentos oncológicos e aos cuidados de suporte. **Conclusão:** A pandemia afetou diretamente no manejo oncopediátrico, tanto pela sobrecarga do sistema de saúde, quanto pelas medidas de prevenção adotadas individual e coletivamente (como o isolamento social e restrição de viagens). Por isso, as alterações feitas devem estar em equilíbrio com o risco de infecção pelo Sars-CoV-2. Sendo assim, deve-se estudar o prognóstico de cada paciente, em conjunto com uma equipe multiprofissional capacitada. Protocolos também devem ser estabelecidos baseados em evidências, visando a otimização dos tratamentos e diminuição dos riscos. Além disso, é importante atentar-se à situação psicológica de pacientes e profissionais, tendo em vista o grande estresse sofrido no período pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Oncologia; Câncer; Criança; Pandemia

REFERÊNCIAS

1. CAI, Jiabin et al. Prevention and control strategies in the diagnosis and treatment of solid tumors in children during the COVID-19 pandemic. **Pediatric Hematology and Oncology**, p. 1-10, 2020.
2. SETH, Rachna et al. Delivering pediatric oncology services during a COVID-19 pandemic in India. **Pediatric Blood & Cancer**, 2020.
3. SULLIVAN, Michael et al. The COVID-19 pandemic: a rapid global response for children with cancer from SIOP, COG, SIOP-E, SIOP-PODC, IPSO, PROS, CCI, and St Jude Global. **Pediatric Blood & Cancer**, v. 67, n. 7, p. e28409, 2020.